

Emília Ribeiro Pedro
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa

A VOLTA DOS DIMINUTIVOS - UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O PORTUGUÊS E O INGLÊS

Num estudo de grande interesse, publicado no Boletim de Filologia, Silvia Skorge (Skorge 1956 e 1958) faz um levantamento muito completo e uma análise gramatical e funcional dos sufixos diminutivos em Português, a partir, por um lado, de uma extensa variedade de textos escritos e, por outro lado, de recolha de material oral, produzido por informantes de várias regiões do país, já que o trabalho contempla uma perspectiva de distribuição geográfica no uso dos sufixos diminutivos. Concluindo pela muito maior produtividade dos sufixos -inho (ou -zinho, por razões fonéticas) e -ito, Skorge encontra, entre as diversas funções dos diminutivos, as seguintes: *indicação de pequenez* (rolinhos de papel, almofadinhas para alfinetes, jarrinhas de vidro); *meio de atenuação* (fiz uma coisita, trago-lhe um presentinho, dói-te a barriguinha?); *depreciação* (é um aldrabãozinho, o homenzinho está louco, este senhorito, certa gentinha); *expressão de ironia* (é um santinho de pau carunchoso, ir para os anjinhos); *um sentido aumentativo* (o trabalhinho já começou); *um sentido de cobiça* (o rico dinheirinho que amealhou); *a expressão de gosto* (foi além à panela, tirou uma perninha de galinha e uns bagozinhos de arroz);

indicação de familiaridade (o torrãozinho pátrio); *uma função interactiva*, de comunicação com o interlocutor, exprimindo *carinho* (a Candidinha, a Lurdinhas, a minha mulherzinha, as freirinhas), *compaixão* (coma, coitadinho), *atenuação de ofensa* (ora vê isto, sra. Helena, vê estes brutinhos?), *persuasão* (sempre faz um abatimentozinho?), *incitação* (e a respeito de caça, ainda mata o seu coelhinho?), *apelo ou conselho* (é preciso cuidadinho com a saúde), *recomendação* (decide-se pelos sapatinhos?), *tratamento* (mãezinha, paizinho, minha querida amiguinha, está cansado, irmãozinho?, terminou a visita, ó santinha), *saudação* (adeuzinho), *protestos e exclamações* (é verdade, verdadinha, foi mesmo ele!); *indicação de quantidade* (comi umas batatinhas, poucoquinho, um golinho de vinho); *designação de tempo* (espera um nadinha, um momentinho, um minutinho, mais uns três mesitos, umas horitas); *comunicação com e entre crianças* (queres um brinquedinho?, tens tantas dorzinhas, não tens?, jogar aos quatro cantinhos); *designação de nomes de crias* (cachorrinho, bichaninho, avezinha, bezerrinho, burriquito, cavalinho); *expressão de veneração em ambiente religioso* (os santinhos, os três pastorinhos, os anjinhos vão cantando); *utilização por questões estilísticas* (como na canção popular "vai-t'embora papão negro/ de cima desse telhado/ deixa dormir o menino/ um soninho descansado").

Como observamos, são de riqueza extrema, na funcionalidade linguística, os usos diferenciados, múltiplos e de grande frequência dos sufixos diminutivos em Português. Afirma Skorge, entretanto, (Skorge 1958:52), que "o emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afectiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias e reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e

impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona - quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objectividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. O que, por um lado, possibilita a expressão adequada de afectos, pode, por outro lado, servir para substituir sentimentos sinceros por fingidos. Uma vez encontrada a forma, já nem sempre importa o conteúdo". Afirmando que das línguas sul-românicas, abundantes em sufixos diminutivos, o Português é uma das que mais os empregam, Skorge diz, ainda, mais adiante, no mesmo passo, que "no Português, o melodioso e a tendência para suavizar a linguagem falada são realmente factores que não se deve deixar de considerar. De todos os sufixos afectivos, -inho corresponde melhor a esse prazer de alongar e acentuar certos elementos formais preferidos. Provavelmente, o som cantável é uma das razões de -inho ter sido desde sempre o sufixo afectivo mais usado e produtivo, sem ter igual nem equivalente. Embora empregado frequentemente, continua a ser tão forte e expressivo que os portugueses, na maioria dos casos e não contando as formas do adjectivo pequeno, renunciam a acumulações de sufixos. O facto de -inho poder ser bem explorado foneticamente explica talvez que conquistasse também funções que pareceriam reservadas aos aumentativos (malcriadinho, ordinariozinho, ruinzinho, tortinho, etc.). Soará mais agudo, forte e acentuado do que o curto -ão de ditongo nasal fechado. É facto interessante também que os portugueses, embora nunca lhes faltem diminutivos adequados, têm por vezes dificuldade em encontrar aumentativos". Considera, ainda, Skorge que "é compreensível que sejam as mulheres (tanto as do povo como as das camadas sociais mais elevadas)

quem especialmente emprega os sufixos afectivos. Depende menos da cultura pessoal do que do feitio individual de cada uma. É caso diferente o dos homens: inclinam-se mais para o emprego dos sufixos os do povo do que os cultos. As vezes, porém, mesmo os homens bem educados gostam de se exprimir à maneira preferida do povo, sobretudo poetas por razões artístico-estilísticas".

Como disse no início, o referido estudo de Skorge, de grande valor informativo, apresenta uma análise bastante exaustiva dos sufixos diminutivos em Português. Não é este, obviamente, o objectivo da presente comunicação, nem para tal haveria tempo e espaço. Interessada pela questão dos diminutivos, a leitura do trabalho de Skorge foi, entretanto, de grande estímulo, nomeadamente para os objectivos que eu própria visava atingir, já que, embora, de forma indirecta, Skorge, ao falar do uso dos diminutivos nas línguas sul-românicas, poderá implicar que esse uso é bastante diferente daquele que se encontra em outras línguas. Facto obviamente natural, já que a língua condiciona e é condicionada pelas características sócio-culturais do povo que a fala e esses padrões são naturalmente diferentes de sociedade para sociedade e de cultura para cultura. O que pretendo nesta comunicação é apresentar alguns resultados e interpretações relativos a uma investigação sobre a função dos diminutivos em Inglês e Português, concluindo, como se verá, pela bastante radicalidade da sua diferente utilização nas duas línguas e pelo modo como esta radicalidade nos indica igualmente uma construção sócio-cultural muito diferente entre as duas culturas. Numa tentativa para actualizar leituras relativas à questão dos diminutivos - a verdade é que não são muito abundantes - deparei com um artigo curioso de Sifianou (1992) em que a autora desenvolve uma investigação de algum modo semelhante à que

eu pretendia desenvolver para as línguas portuguesa e inglesa, com referência ao Grego e ao Inglês. De facto, o trabalho elaborado por Sifianou relativamente à realidade sócio-cultural e linguística do Grego, por oposição à do Inglês, indica existirem muitas semelhanças entre as conclusões a que ambas chegamos, ou seja, é possível concluir pela muito maior proximidade entre o uso de diminutivos nas sociedades portuguesa e grega, nomeadamente no que diz respeito às relações entre interlocutores e um muito maior afastamento destas duas realidades sócio-culturais quando comparadas, por exemplo, com a sociedade inglesa, no uso dos diminutivos. Por estas razões decidi seguir, nesta comunicação, a estrutura básica geral do artigo de Sifianou, por me parecer produtivo conduzir uma análise que acrescentasse um outro tipo de comparação, tendo por referência uma terceira língua, neste caso o Português.

Em comunicação anteriormente feita (Ribeiro Pedro 1992), recorri, igualmente para efeitos de uma comparação entre as realidades sócio-culturais e linguísticas portuguesa e inglesa na expressão de formas de delicadeza, às teorias sobre a questão apresentadas por Brown e Levinson. Também Sifianou se socorre deste modelo conceptual (Sifianou 1992:155). Em síntese, Brown e Levinson (1978, 1987) fornecem um modelo bastante global sobre expressão de formas de delicadeza que, por um lado, afirmam universais enquanto princípios e, por outro lado, lhes permite dar conta da variabilidade da interacção interpessoal. O seu conceito básico (ver também Sifianou, 1987) é o de que todos os seres humanos possuem o que chamam de "face", que tem um aspecto positivo e um aspecto negativo. Estes dois aspectos estão relacionados e reflectem, respectivamente, o desejo de aprovação pelos outros, e o desejo de não ser impedido pelos outros. De acordo com esta teoria, já que a maior parte dos actos verbais e

não-verbais são potencialmente ameaçadores da "face", os interlocutores seleccionam de um conjunto de estratégias disponíveis aquelas que consideram mais apropriadas para evitar ou minimizar qualquer ameaça tanto em relação ao interlocutor como em relação à sua própria "face". Estas estratégias incluem escolhas sintácticas e morfológicas e são de dois tipos: as que acentuam deferência e não imposição (e, nesse caso, trata-se de estratégias de delicadeza negativa), e as que promovem laços de familiaridade e semelhança entre os interlocutores (sendo, neste caso, chamadas de estratégias de delicadeza positiva). No entanto, como salientam Kasper (Kasper 1990:194) e Sifianou (1987), observar toda a acção linguística como potencialmente ameaçadora expressa uma visão muito pessimista da interacção e representa uma avaliação negativa da delicadeza, reflectindo uma grande preocupação com as imposições.

Tentarei, nesta comunicação, como fez Sifianou para o Grego, comparar e contrastar as funções dos diminutivos e construções que incluem o item lexical relacionado "pequeno", "a little" em Português e Inglês, a partir do esquema conceptual de Brown e Levinson. As diferenças manifestadas dão testemunho das diferenças culturais entre as duas sociedades, em particular nas noções de imposição e em atitudes em relação ao envolvimento interaccional.

Como vimos no estudo de Skorge, atrás referido, e como sabemos da experiência quotidiana, a produção de diminutivos é um processo derivacional que ocorre extensivamente em Português (como em Grego, por exemplo, de acordo com, entre outros, os estudos, referidos por Sifianou (1992:157), de Triandafillides (1941,1978:124) e Mackridge (1987:158)). Trata-se de um traço característico de muitas outras línguas europeias, incluindo o Inglês, onde encontramos poucos diminutivos disponíveis e

onde mesmo estes estão a ser usados com frequência decrescente (Quirk et al. 1972:994).

Tanto em Grego, como em Português e em Inglês, a primeira função dos diminutivos (também a primeira indicada por Skorge e como, aliás, o termo sugere) é a expressão da ideia de "pequeno" ou "mais pequeno". No entanto, são usados frequentemente para expressar familiaridade, informalidade e carinho ou ternura, por exemplo. Parece haver bastante menos flexibilidade na expressão de emoções em Inglês através do uso de diminutivos, porque as palavras que aceitam sufixos diminutivos são limitadas - ao contrário do Português, onde, para além de substantivos e adjectivos, encontramos advérbios e mesmo participios com diminutivos - e têm mais ou menos significados fixos. Sifianou confirma esta afirmação pelo facto, por exemplo, de as palavras com diminutivos terem entradas separadas em dicionários ingleses ao contrário dos dicionários gregos. Sabemos que o mesmo acontece com dicionários portugueses, onde não existem entradas especiais para diminutivos.

Uma das funções indicadas por Skorge para o uso dos diminutivos relaciona-se com o tratamento em relação às crianças, que são, com frequência, referidas pelas formas diminutivas dos seus nomes (Joãozinho, Riinha, Mariazinha, Zézito). Sifianou começa, no seu artigo, por investigar também este aspecto e nota que as próprias crianças usam extensivamente diminutivos, tanto ao repetirem o que ouviram, como numa tentativa para parecer menos "exigentes" e obter, assim, do adulto, mais facilmente, aquiesção ou aceitação (Bates 1976:295). O uso de diminutivos com as crianças é expressão de afecto pelos adultos, por um lado, mas também uma tentativa para, perante as crianças, representar o mundo como um lugar agradável e amigável (Wierzbicka 1984:126). Mas os diminutivos, em

Português, de modo nenhum se restringem à interacção com as crianças e abrangem nomes que se referem a artefactos humanos, como cadeira, por exemplo, (quer uma cadeirinha para se sentar?), ou actividades, como viagem (e que tal uma viagemzinha no próximo fim-de-semana?). Adjectivos, por exemplo, com conotações negativas (feio, por exemplo) são usados com diminutivos para atenuar a sua força (é uma criança muito feinha, infelizmente).

As funções primárias dos diminutivos em Português parecem, desde sempre, ter-se alargado, para servir uma variedade de necessidades. Os portugueses, como os gregos (Sifianou 1992:159) parecem exprimir delicadeza quer partilhando um espaço afectivo comum, quer mostrando solidariedade para com o interlocutor. Por outras palavras, o uso de diminutivos marca a interacção como *positivamente* delicada. O sistema muito desenvolvido da derivação de afecto em Português mostra uma orientação positiva de delicadeza na sociedade que o desenvolveu. Quando os falantes usam diminutivos com referência às suas próprias coisas, características ou realizações, a conotação pode ser de afecto, mas, ao mesmo tempo, pode exprimir uma tentativa para reduzir a possibilidade dos enunciados serem interpretados como auto-louvor (trago-lhe este presentinho, a minha casita) É uma estratégia de delicadeza positiva. Os diminutivos, em Português, restringem-se bastante ao discurso informal e envolvem, habitualmente, acções de rotina relativas à troca de bens, que Brown e Levinson (1987:80) definem como "coisas e serviços ... que todos os membros do público podem solicitar uns aos outros".

O segundo aspecto tratado por Sifianou na investigação dos diminutivos diz respeito aos pedidos. Para Brown e Levinson, os pedidos envolvem sempre algum grau de imposição, que requer alguma

minimização. Ser delicado é, portanto, uma questão de ter cuidado na minimização de imposições usando os meios de atenuação adequados. Sifianou (1987:160) põe em causa se a noção de imposição é de muito uso na explicação das funções dos diminutivos. Como afirma, na cultura grega, como em muitas outras (e julgo poder incluir a portuguesa), há situações em que os pedidos não são interpretados como imposições: quando os participantes têm determinados direitos e obrigações de realizar actos particulares, específica, cultural e situacionalmente (eu acrescentaria institucionalmente) condicionados, ou quando o resultado de um pedido beneficia directa ou indirectamente o interlocutor. Sifianou (ibid:161) dá, para esta constatação uma explicação curiosa, relativa ao facto de considerar que talvez este facto seja mais característico da sociedade grega, onde membros do "in-group" tendem a depender mais uns dos outros do que das instituições (por exemplo, na obtenção de empréstimos), do que em outras sociedades ocidentais, onde o direito individual à liberdade tem um papel determinante na estrutura social e na definição e hierarquia das imposições.

Em Português, igualmente, pedir um "copinho de água" dificilmente será considerado uma imposição, tanto mais que o uso do diminutivo acrescenta mitigação. Mas, mesmo sem usar diminutivo, pedir um copo de água ao empregado do café ou a um amigo que visitamos, estará longe de ser considerado uma imposição. Pelo contrário será, no primeiro caso, o direito a um serviço, no segundo caso, um pedido agradavelmente satisfeito. A explicação aduzida por Sifianou, para a sociedade grega, com fortes relações de dependência grupais e uma certa "desconfiança" institucional, julgo poder também aplicar-se, em larga medida, à sociedade portuguesa, onde a "instituição", psico-socialmente mais

próxima, do amigo ou do "padrinho" parece produzir mais espaço de confiança do que a instituição na sua forma impessoal e distante.

O terceiro aspecto analisado por Sifianou são as ofertas, estratégias básicas de delicadeza positiva, havendo da parte do falante um desejo expresso de satisfazer os desejos do seu interlocutor. Cabe ao interlocutor a decisão de rejeitar ou aceitar a oferta. Ao aceitá-la, cria uma obrigação que, de acordo com o modelo de Brown e Levinson, ameaçaria a face negativa do interlocutor. No entanto, esta ameaça é mitigada, por um lado, pelo contexto partilhado de dar e receber e, por outro lado, pelo uso linguístico dos diminutivos. Quando, em Português, a dona da casa oferece mais comida ou bebida aos seus convidados (mais um bocadinho de bolo?), o uso do diminutivo mitiga claramente a necessidade de reciprocidade por parte do interlocutor e indica uma partilha de regras sociais, de proximidade social e, portanto, não ameaçadora da face do interlocutor.

Em quarto lugar, Sifianou (1992:165) atenta na realização de cumprimentos, onde o uso de diminutivos é abundante. De facto, em Português, encontramos, também, uma extensa utilização de diminutivos, que expressam a tentativa, pelo falante de fazer o seu interlocutor sentir-se bem ("Que bem te fica esse vestidinho!", "Está hoje com um arzinho mesmo bem disposto!", "Deste-lhe uma palavrinha mesmo a propósito!"). Os diminutivos funcionam como instrumentos de maximização e satisfazem as necessidades de face positiva do interlocutor. Trata-se, também, da expressão espontânea de emoções que é comum em Português como forma de envolvimento e solidariedade pessoal e social.

Os diminutivos, para além de usados, em Português, com abundância, nos casos especiais referidos por Sifianou - interacção com e entre as crianças, pedidos, ofertas e cumprimentos - são utilizados nas mais

mais variadas situações, especialmente de informalidade, como, aliás, fica claro pela leitura realizada por Skorge e referida de início. Alguns investigadores como Daltas, por exemplo (Daltas 1985:85) consideram que são sobretudo as mulheres que usam mais diminutivos em Grego, talvez pelo seu maior contacto na interacção com as crianças. Skorge, como vimos, encontra a mesma situação em Português. Para mim, a explicação residiria mais, ao contrário do que Daltas, simplisticamente afirma, no estatuto sócio-cultural de homens e mulheres, naquilo que a uns e outros é social e institucionalmente legítimo ou ilegítimo fazer ou não fazer. Assim como, de acordo com o estereótipo cultural opressivo, "um homem não chora", também não usará diminutivos com medo do risco de expôr-se a ser considerado menos "viril", mais efeminado. Felizmente, embora só até certo ponto, os estereótipos estão a mudar e uma análise da linguagem das camadas mais jovens dá disso claros indícios.

Outra forma de expressar diminuição, em Português como em Inglês, é através de modificação sintáctica, com o uso, por exemplo de "pequeno" ou "little" e "small". ("Posso pedir-te um pequeno favor?", "Can you give me a little bit of paper?"). Em Inglês, encontramos formas como "little doggie" ou "little footsie", na chamada "baby talk", mas são formas que se restringem a alguns itens lexicais apenas e somente no âmbito deste tipo de fala. Em Português, no entanto, "pequeno" é usado extensivamente com o sentido de diminutivo sem que os falantes disso se apercebam e sem poder, portanto, ser considerado literalmente. Não é necessariamente verdade que o favor seja pequeno e não saberíamos dizer para quem seria pequeno, se para o falante, se para o destinatário. Trata-se, antes, de uma estratégia de delicadeza positiva, numa sociedade assim orientada e usada, sobretudo, em contexto informal, já que, em contexto formal, é provável

que ocorresse uma forma como "por favor" ou, em Inglês, "please".

Como refere Sifianou (1992:170), Brown e Levinson (1987:176) consideram que expressões como "a tiny bit" e "a little" são realizações da estratégia de delicadeza negativa "minimizar a imposição". Os exemplos que dão parecem reflectir a especificidade cultural inglesa e a hierarquia de imposições. No entanto, se, em Inglês, pedir um pouco de papel pode ser entendido como uma imposição que requer mitigação, de modo nenhum, julgo, poderia ser assim considerado em Português, dadas as características da sociedade. De acordo com Sifianou, o mesmo poderá ser afirmado para a sociedade grega. De qualquer modo, parece questionável a própria noção de imposição usada por Brown e Levinson, já que os exemplos que apresentam se referem, claramente, a imposições menores.

Podemos, portanto afirmar com Wierzbicka (1985:168) que os sistemas ricos em diminutivos parecem desempenhar um papel crucial em culturas onde as emoções em geral e o afecto em particular são supostos ser abertamente expressos. É este certamente o caso da cultura portuguesa, onde os sentimentos e emoções, negativos e positivos, tendem a ser expressos de modo explícito. A flexibilidade do sistema dos diminutivos torna-se, portanto, um instrumento disponível extremamente útil para essa expressão. E, como vimos no início, já Skorge considerou que, das línguas sul-românicas, todas elas abundantes em diminutivos, o Português é a que mais os usa. Ao indicar expressão livre do afecto, o uso de diminutivos indica também uma certa rejeição da formalidade, ao contrário da cultura anglo-saxónica que não encoraja a expressão das emoções (Wierzbicka 1985:168) e onde, por isso, o sistema de diminutivos não é tão necessário e é, portanto, restricto.

O uso extensivo dos diminutivos como marcadores de delicadeza

positiva indica que na interacção quotidiana é preferida uma estratégia de delicadeza positiva, principalmente para a comunicação de similaridade entre os interlocutores e informalidade. Numa sociedade com orientação de delicadeza positiva, torna-se natural que um tal sistema tenha sido desenvolvido para satisfazer essas necessidades de delicadeza.

Entretanto, como aponta Sifianou (1992:172), embora as sociedades se possam distinguir de acordo com as suas orientações de delicadeza positiva ou negativa, este facto é mais relativo do que absoluto. Um sistema formal, pode, de facto, indiciar certas semelhanças, mas não dá testemunho de qualquer afinidade alargada. É o caso, por exemplo, das sociedades grega e portuguesa, onde encontramos extenso uso de diminutivos por oposição ao sistema inglês. Não é tanto o sistema formal que indica afinidade possível, mas as funções realizadas pelo sistema. Afirmaria, por exemplo, depois de ler o artigo de Sifianou, que o uso dos diminutivos em Português serve uma muito maior pluralidade de funções (ironia, depreciação, por exemplo) do que em grego, embora, como vimos, algumas dessas funções sejam comuns, nomeadamente a expressão do afecto e de informalidade entre os interlocutores.

Procurei, nesta comunicação, olhar a questão do uso dos diminutivos em Português e em Inglês, seguindo o modelo conceptual de Brown e Levinson relativo às estratégias de delicadeza positiva e negativa. A leitura do artigo de Sifianou mostrou-se estimulante e convergente em termos de objectivos a prosseguir. Daí a decisão de seguir, em certa medida, a sua estrutura na investigação da questão.

Restam-me, entretanto, muitas dúvidas quanto à plausibilidade do modelo de Brown e Levinson e ocorre-me se, em vez de considerar sociedades de predominância de estratégias de delicadeza positiva e/ou

negativa, não poderíamos utilizar os conceitos de proximidade e/ou distância psicológica e social entre os interlocutores. Neste caso, a utilização de diminutivos indicaria que os falantes particulares se sentem, psicológica e socialmente, muito mais próximos uns dos outros e têm disso extrema necessidade. A expressão recíproca do afecto, por exemplo, torna-se, nesse caso, de grande importância, enquanto obviante de inseguranças pessoais e sociais. Pelo contrário, em sociedades onde os falantes se encontram nitidamente em situação psicológica e social de distância, relativamente uns aos outros, esta situação reflectir-se-ia, como é natural, no sistema formal e funcional da língua e, por isso, por exemplo, seria evitado o uso de diminutivos, já que expressam proximidade e informalidade, e preferidas expressões de maior formalidade, pois seriam estas a garantir a segurança psicológica e social dos interlocutores. Dadas as diferentes orientações das sociedades portuguesa e inglesa em termos da sua estrutura interactiva, é, por isso, natural, que a segurança psicológica e social entre os interlocutores seja garantida através de meios linguísticos diferenciados: em Português, através do uso dos diminutivos, por exemplo, numa extensa variedade de situações entre crianças e adultos e, em Inglês, através da quase inexistência de diminutivos e uma muito clara preferência pela forma "please" iniciando os enunciados.

Referências bibliográficas

- Bates, E. 1976. *Language and context: The acquisition of pragmatics*. New York: Academic Press.
- Brown, P. e S. Levinson. 1978. *Universals in language use: Politeness*

- phenomena. In E.N. Goody (ed.). *Questions and politeness*, 56-324. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brown, P e S. Levinson. 1987. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Daltas, P. 1985. Some patterns of variability in the use of diminutive and augmentative suffixes in spoken Modern Greek Koine (MGK). *Glossologia* 4:63-88.
- Kasper, G. 1990. Linguistic politeness: Current research issues. *Journal of Pragmatics* 14:193-218.
- Mackridge, P. 1985. *The modern Greek language*. Oxford: Oxford University Press.
- Quirk, R., S. Greenbaum, G. Leech e J. Starvik. 1972. *A grammar of contemporary English*. London: Longman.
- Ribeiro Pedro, E. 1992. "Polite" ou "impolite" - contributo linguístico contrastivo para a complexidade cultural da questão. *Revue de Phonétique Appliquée*. Mons. (a publicar).
- Sifianou, M. 1987. *Politeness markers in Greek and English*. Unpublished Ph. D. thesis, University of Reading, England. (Forthcoming revised version. Oxford University Press.)
- Sifianou, M. 1992. The use of diminutives in expressing politeness: Modern Greek versus English. *Journal of Pragmatics* 17: 155-173.
- Skorge, S. 1956. Os sufixos diminutivos em Português. *Boletim de Filologia*:50-90 e 222-305. Lisboa.
- Skorge, S. 1958. Os sufixos diminutivos em Português. *Boletim de Filologia*. 20-53. Lisboa.
- Triandafillides, M. 1978 (1941). *Neoelliniki grammatiki (tis dimotikis) (Modern Greek grammar (dhemotiki)*. Thessaloniki: Aristotle

University.

- Wierzbicka, A. Diminutives and depreciatives: Semantic representations for derivational categories. *Quaderni di Semantica* 5(1): 123-130.
- Wierzbicka, A. 1985. Different cultures, different languages, different speech acts. Polish vs. English. *Journal of Pragmatics* 9: 145-178.